



As aventuras de Catita na Mata Norte de Pernambuco - uma experiência de construção de material didático na Educação em Agroecologia

Catita's adventures in the Mata Norte de Pernambuco - an experience in creating teaching materials for Agroecology Education

LUCENA, Pedro H. Pereira¹; LIMA, Jaciane P.²; FERRO, Célia B.³; SACRAMENTO, Alexandra Marta⁴

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco, ppereiradelucena@gmail.com; ² Universidade Federal Rural de Pernambuco, jaciepereira@gmail.com, ³ Universidade Federal Rural de Pernambuco, celiaferro@gmail.com, ⁴ Universidade Federal Rural de Pernambuco, alexsandtinha@gmail.com.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O presente trabalho descreve a construção de um material didático em agroecologia sobre a região da Mata Norte de Pernambuco, no Nordeste do Brasil. O material foi elaborado por estudantes do curso de Bacharelado em Agroecologia da UFRPE, de forma interdisciplinar abordando temas como educação em agroecologia, natureza em movimento, subjetividade e sustentabilidade e relações étnico raciais. O material foi desenvolvido a partir de uma vivência de campo com a participação de estudantes, professores e agricultores locais. O diálogo com os saberes populares e as experiências dos camponeses foi valorizado na construção do material. A história fictícia apresentada é protagonizada por Catita, uma personagem inspirada na cultura popular pernambucana, que se aventura na região em busca de mais conhecimento sobre agroecologia. Conclui-se, portanto, que o material didático desenvolvido de forma interdisciplinar por estudantes do curso de Bacharelado em Agroecologia da UFRPE, é resultado de uma inclusão dos saberes populares, das experiências dos camponeses além de temas abordados no eixo, tem o potencial de ampliar o alcance e o acesso a informações sobre educação, valorização da cultura, promoção da diversidade e equidade étnico-racial, fortalecimento da agroecologia e da educação em agroecologia e engajamento comunitário.

Palavras-chave: cultura popular, cartilha, educação, imersão.

Contexto

O presente trabalho traz a experiência de construção de um material didático em agroecologia sobre o território da Mata Norte de Pernambuco no nordeste brasileiro, construído por um grupo de estudantes do 2º período no âmbito de atividades acadêmicas no Bacharelado em Agroecologia (Bacep) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Este curso trabalha de forma interdisciplinar e, neste semestre, o componente curricular foi Diagnóstico do Etnoagroecossistema, que articula as seguintes temáticas: Educação em Agroecologia, Naturezas em Movimento, Subjetividade e Sustentabilidade, Fisiologia Vegetal, Relações Étnico-raciais e Solos. Este material foi construído a partir de uma vivência de campo (Imersão) na região da Mata Norte de Pernambuco, com a participação de estudantes, professores/as e agricultores/as. Para a construção deste material nos apoiamos nos diálogos de saberes nos baseando na rica cultura popular existente na Zona da Mata Norte Pernambucana e nos relatos de vida e experiências de



agricultores familiares e camponeses desta região. Dialogamos com assentados da reforma agrária, posseiros, brincantes populares, lideranças comunitárias, professores, homens e mulheres que vivem num contexto de conflitos de terra, que referem-se a disputas e tensões que surgem quando diferentes grupos ou indivíduos reivindicam a posse, o controle ou o acesso a terras. Podem ocorrer por uma variedade de razões, como questões de propriedade, direitos de uso da terra, distribuição desigual de terras, interesses econômicos, questões étnicas, reivindicações culturais, conflitos políticos e históricos, entre outros.

A valorização dos saberes populares e das experiências de camponeses têm se destacado como elemento fundamental para a construção da educação em agroecologia. Para a construção deste material didático fizemos uma síntese de tudo que vimos, ouvimos e compartilhamos ao longo da imersão, desde as expressões culturais até os conceitos técnicos relativos à atividade produtiva. Criamos uma história protagonizada por Catita, uma personagem da cultura popular pernambucana originário no Maracatu de Baque Solto, enquanto Catirina, que também faz parte do Cavalo Marinho e do Bumba Meu Boi. Nossa Catita é uma garota Negra, curiosa e que parte de Recife para a Zona da Mata Norte à procura dos elementos da cultura popular para agregar à agroecologia, visando divulgar essas informações para o mundo. O enredo procurou trazer alguns dos aprendizados vivenciados ao longo do 2º período do Bacep mesclados com a vida de camponeses na região da Mata Norte. A seguir, apresentamos a cartilha (LUCENA et al, 2023).

Descrição de Experiência: As aventuras de Catita na Mata Norte de Pernambuco

Era uma vez uma jovem desbravadora de mundos chamada Catita. Um dia, ela decidiu se aventurar e conhecer novos lugares na província de Pernambuco. Catita então pegou suas trouxas e com seu cavalo saiu a galopar...

Ela seguiu em direção ao que chamaremos de Zona da Mata Norte, uma região a cerca de 50 KM da capital da província, com uma área de 8.465,10 KM², dividida em 19 reinos, com um clima tropical úmido. Ao chegar na Mata Norte, Catita lembrou que ouviu da sua mãe a história da Batalha do Engenho Prado, na qual uma grande guardiã da terra, chamada Luiza Cavalcante, descendente do povo Kbandu da África, lutou bravamente contra o latifúndio e as grandes máquinas que queriam matar seu povo e consumir todas as riquezas do reino de Tracunhaém. Após muita luta, Luiza, junto a seu povo, conseguiu tomar para si o que já era seu. Após lembrar dessa história, Catita decidiu seguir em direção ao Reino de Tracunhaém para se encontrar com Luiza.

Chegando no território se deparou com o Sítio Ágatha, um grande portal de ligação entre os nossos Ancestrais e os Reinos Animal e Vegetal, com entradas cheias de espiritualidade. Ao chegar foi recebida por Luiza que disse: “eu estou comigo, estou contigo, estou com todas nós! Bem-vinda nobre Catita”.



Catita entrou pelos portais, e foi recebida por uma forte chuva seguida de raios e trovões. Assustada, Catita foi acalentada por Luiza, que disse: “não tenhas medo, isso é a natureza que fala conosco”! Maravilhada com tudo aquilo que estava acontecendo, Catita perguntou como Luiza vivia naquela região tão afastada da província. Luiza então colocou-se a explicar que vive da Afroecologia, ou seja, refere-se à origem e influência africana no cultivo e cuidado com a terra, reconhecendo e valorizando o que tem sido desenvolvido e transmitido por gerações nas comunidades afrodescendentes. É uma forma diferente de cultivar e cuidar da terra guiada pelos ancestrais que foram trazidos da África, com uma ligação entre o sagrado e o sentimento de pertencimento, de ser parte de tudo que rodeia permitindo o uso dos bens naturais que a própria terra fornece (LUCENA et al, 2023).

Catita então retrucou: Os orixás, eu sinto aqui. Esse modo de vida é a ressignificação da agricultura tradicional que me liga ao sagrado, que me alimenta e me faz entender que lutar é preciso. A visita a Luiza estava já chegando ao fim. Catita, visitou as plantações, aprendeu como se planta, alimentou-se e entendeu que o lugar da mulher é onde ela quiser! Compreendeu que ancestralidade e afroecologia são as relações estabelecidas pela identidade étnico-racial daquelas mulheres agricultoras, proveniente do povo Kbandu da África, que permitem uma compreensão maior do mundo e dos modos de viver, recuperando as histórias, forças e colocando em debate as questões de povos que, durante muito tempo, tiveram seus direitos negados. A afroecologia permite ainda avançar no processo da justiça social e racial e do acesso à educação de qualidade pelos sujeitos do campo brasileiro, racializados. Perpassa pela compreensão e desconstrução de uma historiografia forjada para oprimir e conformar aos povos à uma dinâmica social de desigualdades no acesso a direitos básicos. Antes da chegada dos colonizadores, como os indígenas eram felizes! Tinham a mãe natureza como suprema matriz, da qual extraíam a seiva necessária ao seu matiz. A mãe natureza era ao extremo respeitada, pois os indígenas entendiam que, sem ela, não eram nada. Nesse tempo pindorama, realmente fostes amadas. Não tinha poluição, queimadas, desmatamento, não havia inseticida, era puro o alimento. O globo sorria alegre e livre do aquecimento. Essas foram as palavras que ecoavam na cabeça da jovem Catita, que aprendeu com sua mãe a importância dos povos originários e o respeito aos mesmos.

Em sua viagem, Catita parou no Engenho Una, zona rural do Reino de Moreno, região próxima da capital da província. Ao chegar no Engenho, Catita foi recebida pela anciã Maria Alegria, uma mulher afro-indígena que, quando curumim, foi brutalmente escravizada pelo grande senhor dono das terras, sendo arrancada do seio de sua aldeia, perdendo toda conexão com os seus parentes e com a mãe terra. As relações de poder exercidas pelo povo branco fizeram por muito tempo com que os povos indígenas fossem colocados como subservientes em situações desumanas.



D. Maria Alegria saiu a caminhar pelo seu sítio mostrando a beleza e exuberância daquele território. – Olhe, Catita aqui eu só planto árvores frutíferas, pois gostamos de plantas que alimentam nosso povo e acabam com a fome. Olhe aqui, esse é pé de acerola, aquele, pé de goiaba, e ainda tenho laranja, banana, abacaxi, seriguela, mamão, araçá e muitas outras espécies. Qualquer planta dessas tem vida e eu tenho um pouco delas e elas tem um pouco de mim.

A viagem continuou, D. Maria sempre com os pés no chão se conectando com a terra e sua energia, ofereceu até um licorzinho de acerola a Catita, que rejeitou, pois estava de passagem. D. Maria falou: – Catita, sente, pois tenho mais um pouco para lhe contar, minha filha. Além de ter sido escravizada, por ser indígena, e o homem branco me ver como objeto, passei 23 anos na infelicidade de um casamento onde tive 10 filhos e hoje só restam 9. Catita perguntou: - E onde está seu companheiro? D. Maria respondeu: Coloquei ele para correr pois, ele queria me bater!

Se tem uma coisa que aprendi nessa vida é que ninguém pode me machucar, agredir me violentar. Foi isso que meus pais ensinaram. Minha filha, as correntes que me prendiam e a mordaca que me calava foram quebradas e hoje sou livre para resgatar meus saberes indígenas e colocar em prática na minha terra, unir o conhecimento ancestral com a produção de comida.

D. Maria, pelo tempo que passou aprisionada, esqueceu de como seus antepassados produziam alimento respeitando os ciclos da natureza, e aprendeu um modelo de produção diferente, o chamado convencional, em que utilizava algumas misturas nada naturais para aumentar a sua produção. Mas com a ajuda dos Guerreiros da CPT (Comissão Pastoral da Terra), um grupo de pessoas que apoiam trabalhadores rurais na reivindicação dos seus direitos para garantir o acesso à terra e a permanência nela de maneira sustentável, além de diminuir a violência e a impunidade na zona rural, ela iniciou a transição para agroecologia. Assim perguntou Catita: - Então Dona Maria você agora faz agroecologia? D. Maria respondeu: - Então Catita, alguns chamam de agroecologia, mas na verdade nossos ancestrais já faziam, porém não sabíamos o nome que se dava.

Maria Alegre decidiu levar Catita para conhecer os Guerreiros da CPT. para chegar ao esconderijo da resistência, local onde eles se reúnem. Elas tinham que passar pelo portal da azeitona preta, o local mágico de ligação entre os mundos. Os guerreiros da CPT eram liderados por Maurício que em 2011 junto aos moradores de Poços Dantas e Várzea do Una que integravam o temido MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), um movimento social que busca organizar trabalhadores e trabalhadoras rurais junto à sociedade para conquistar a Reforma Agrária. Conseguiram resistir aos jagunços da Usina Petribu mas não conquistaram a terra ainda... são posseiros, ou seja, estão na luta para o reconhecimento da posse.

Ao chegar no grande esconderijo, Catita pode almoçar e conhecer Mauricio e sua companheira, Jucilene, que era uma excelente educadora ensinando artesanato às meninas e outras mulheres da comunidade.



Maurício disse: - Catita, é uma satisfação receber você em nosso esconderijo. Saiba que só pessoas especiais chegam aqui. Esse casarão já foi muito assombrado pelos demônios dos senhores de engenho que tiranizavam seus subordinados, seres humanos que foram escravizados durante anos. Catita refletiu sobre como foi dura a realidade de luta pela terra, ao mesmo tempo em que saiu cheia de força e com mais vontade de existir, resistir e insistir em existir. Grata pela visita e pelo aprendizado, Catita expressou: - Dona Maria Alegria, sua história emblemática de resistência e da luta das mulheres afro-indígenas, seu exemplo de força e inspiração com seu jardim e suas plantas é inspiradora para mim. Nobre Maurício e família, continuem na luta garantindo justiça social a esse povo e contem comigo sempre.

Nesta visita Catita percebeu as seguintes relações: os indígenas não são apenas para serem vistos do ponto de vista do estudo das raças e etnias, e nem todo indígena é igual. Percebemos com Maria Alegre a diversidade do ser indígena. Os indígenas que praticam agricultura, praticariam a agroecologia se não fosse a doutrinação de outros povos sobre os indígenas. Os indígenas protegem as florestas e diversificam os cultivos, compreendendo a terra como a grande mãe que protege e abraça a todos e todas. Catita, antes de se despedir, conheceu a casa de farinha, visitou uma igreja de 215 anos que havia na comunidade, abraçou D. Maria Alegre e deu até logo a Maurício e família e seguiu viagem.

Decidiu descansar no Reino de Carpina. No dia seguinte lembrou que tinha ouvido falar do Refúgio de Vida Silvestre que era por perto e lá existiam espécies mágicas raras como sabiás, tucanos, pica paus, ursos papa mel e o macaco prego amarelo e muitas cobras. Seguiu Catita mundo afora cantando: minha vida é andar por esse país... e assim chegou ao Reino de Timbaúba no território dos guerreiros de Xixá, e conheceu Dona Terezinha, uma mulher que dentro de suas limitações desenvolve uma agricultura com sua família, que a presenteou com bananas e canas. Catita maravilhada com a região dos Guerreiros de Xixá, conheceu os cultivos de abelhas, visitou a mata fechada e se conectou com a natureza e decidiu seguir viagem, saindo daquele local encantador. Ela entendeu que tudo está conectado, as plantas, os animais, a terra, os indivíduos..., tudo conectado.

Catita chegou no reino de Condado, onde conheceu o cavalo marinho do Mestre Grimário e aprendeu alguns passos de dança dessa manifestação popular, que tem relação com os movimentos dos cortadores de cana no canavial.

Ao se sentar para ouvir o Mestre, começou a entender de onde surgiu o cavalo marinho. Grimário em sua sabedoria disse: - O cavalo marinho tem a ver com a persistência de negros e de negras frente às barreiras impostas pelo homem branco escravocrata. Para resistir criaram as irmandades e foi a partir dessas, e de outras conquistas, que foi possível preservar valores africanos em nossa cultura, inicialmente, na forma do sincretismo religioso e depois cultural. Catita ficou



encantada com tantos movimentos: cruzada de pernas, batidas de pés. Tinha boi, tinha ema, tinha morto carregando vivo, Mateus e Bastião.

A danada da ema deu-lhe um susto, pois traz no seu canto um bocado de azar! Seguindo adiante, Catita encontra o maracatu Onça Pintada, e pede para aprender mais sobre aquela maravilha: tarol, repique, poica, agogô e pandeiro eram os instrumentos musicais tocados por aqueles brincantes. Todas as roupas brilhantes faziam reluzir os olhos de Catita! Ela se vestiu de sol e entendeu que quando brinca o Maracatu se movimenta descobrindo além do próprio corpo, o mundo e se reinventa a cada desafio que é proposto. Nesse processo relaciona-se com a cultura e o universo em que vive e desvenda a cada dia, dando significado a tudo que a permeia. A dimensão étnico-racial presentes no Maracatu e Cavalo Marinho evidenciam os entrelaçamentos subjetivos com acontecimentos reais na vida cotidiana do povo daqueles reinos. Desempenham papel civilizacional na vida das pessoas, com a incumbência de preservar a história de resistência das comunidades, e atuam na manutenção da luta contra o racismo e o preconceito religioso, e a valorização do (a) negro (a) que revela em sua estrutura a origem de matrizes africanas.

Catita envolvida na magia das relações étnico-raciais decidiu não parar de conhecer novas experiências e novos lugares, querendo sempre aprender mais; partiu em mais uma nova aventura.



(Material didático produzido)



Resultados

Este material tem o potencial de ampliar o alcance e o acesso a informações sobre educação, valorização da cultura, promoção da diversidade e equidade étnico-racial, fortalecimento da agroecologia e da educação em agroecologia e engajamento comunitário. Ele pode servir como material educativo em escolas, comunidades rurais e espaços de formação, promovendo a conscientização, a reflexão crítica e a ação transformadora.

Agradecimentos

Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos a todas as pessoas e instituições que contribuíram para a realização deste resumo, em especial a todos os/as agricultores/as, camponeses, assentados, artistas e mestres da cultura popular. Foi através dessa imersão que pudemos compreender melhor a realidade e os desafios enfrentados, ver de perto a cultura que pulsa no coração, isso foi fundamental para enriquecer nossa formação. A Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, aos nossos docentes, a equipe da gráfica da UFRPE e a professora Maria Virgínia Aguiar, nossa sincera gratidão. Vosso apoio e contribuição foram indispensáveis para a conclusão deste trabalho. Esperamos que este artigo seja uma pequena forma de reconhecimento e valorização de tudo o que fazem e representam.

Referências bibliográficas

LUCENA, P.H.P; et al. **Contos Agroecológicos: As aventuras de Catita na Mata Norte de Pernambuco**, Recife: Editora UFRPE, 2023.